

# JORNAL PETROLEIROS

Foto: Mídia Ninja

## VOZES NEGRAS

No mês da Consciência Negra, lideranças apontam os desafios da luta antirracista e seus desdobramentos na Petrobrás

### SAÚDE PETROBRÁS:

Saúde Petrobrás: prevenção, tratamento ou abandono? Relatos apontam falta de acesso a atendimentos básicos e prioritários

PÁGINA 3

### MASSACRE EM GAZA:

Entrevista com o pesquisador Bruno Huberman

PÁGINAS 6 E 7

### FUNDO DE PENSÃO:

Presidente da Petros compareceu às sedes do Sindipetro Unificado para tirar dúvidas dos petroleiros

PÁGINA 8



Foto: Aguilhar

# Novembro Negro e a causa Palestina

Novembro é o mês da Consciência Negra, em referência ao líder quilombola Zumbi dos Palmares. Só foi necessário atribuir esse simbolismo porque a história do povo negro é de resistência e protesto contra a desigualdade racial, que ocorre em todo o mundo e estrutura o capitalismo desde os seus primórdios, o que, para o movimento negro, configura um verdadeiro genocídio. Tanto as rebeliões negras abolicionistas no Brasil no século XIX quanto o movimento Vidas Negras Importam, que se espalhou pelo mundo nos últimos anos, são parte dessa mesma história: da luta pelo direito de existir com dignidade, em toda a sua plenitude, e pelo bem viver.

Por isso, é impossível deixar de relacionar a luta antirracista à causa Palestina, que ganha contornos ainda mais dramáticos em 2023. Desde o último dia 7 de outubro, quando o Hamas atacou civis israelenses de forma indiscriminada em ataques terroristas condenáveis, assistimos a uma reação completamente desproporcional do governo Netanyahu, no triste massacre de palestinos que estamos testemunhando em Gaza. Não deixam de ser também ataques terroristas praticados pelo exército de Israel, mas com contornos de limpeza étnica e genocídio. Defender um cessar-fogo imediato em Gaza, com o fim do deslocamento forçado de palestinos, é o mesmo que dizer que a vida dos israelenses ceifada injustamente vale tanto quanto a vida dos palestinos. Em outras palavras: vidas palestinas importam!



Charge: Bira Dantas

## RH DA REPLAN FALHA EM EMPATIA E FALTA DE ASSISTÊNCIA PARA A CATEGORIA E SEUS FAMILIARES

*Caso recente, após o falecimento do petroleiro, exemplifica a falta de humanidade e expõe que melhorias no setor são urgentes*

*\*Por Steve Austin*

No mês de setembro, a comunidade petroleira da Replan foi abalada pela triste notícia do falecimento de um colega do setor HDT, vítima de um câncer. Além da dor da perda, os trabalhadores presentes no sepultamento ficaram consternados com a ausência de assistência da Petrobrás à família enlutada.

No funeral, companheiros buscaram o apoio do sindicato para manifestar sua preocupação. A falta de um assistente social para orientar e apoiar a família nesse momento foi notavelmente sentida. No entanto, a falta de ação não parou por aí.

Após a família obter a certidão de óbito, foi necessário a intervenção do Sindipetro para que o procedimento de homologação fosse encaminhado ao RH da Replan. Surpreendentemente, mais de 15 dias se passaram sem que a família fosse contatada. Somente após uma segunda reclamação ao sindicato é que o RH finalmente se moveu e fez o que era sua obrigação desde o início.

Este caso serve como um triste exemplo da falta de uma política eficaz de Recursos

Humanos na Replan. Os trabalhadores se encontram desamparados em relação a essas questões, dependendo de linhas telefônicas impessoais para resolver problemas que exigem compreensão e cuidado humanos.

A pergunta que surge é: poderia o RH não ter feito mais? A falta de atendimento presencial demonstra uma desconexão entre a administração e as necessidades reais da categoria. A burocracia não pode substituir a empatia, especialmente em situações tão delicadas como a perda de um ente querido.

É urgente que a Petrobrás e o RH da Replan reavaliem suas políticas internas. Os trabalhadores e trabalhadoras merecem mais do que um simples número de telefone para lidar com questões tão sensíveis.

Petroleiros e petroleiras merecem um RH que esteja verdadeiramente presente, que compreenda suas dores e lutas, e que esteja disposto a oferecer o apoio necessário, não apenas em palavras, mas em ações concretas. A memória de nosso companheiro perdido merece nada menos do que uma mudança significativa e imediata.

*\*Steve Austin é diretor do Sindipetro Unificado*



Petroleiros e petroleiras continuam na luta para devolver nossa grande empresa ao povo brasileiro

# SAÚDE PETROBRÁS: PREVENÇÃO, TRATAMENTO OU ABANDONO?

A reportagem colheu uma série de relatos sobre o Saúde Petrobrás; o cenário, infelizmente, é de falta de acesso a atendimentos básicos e prioritários

Edição: Guilherme Weimann

\*Todas as histórias utilizadas na reportagem são verídicas e fruto de depoimentos concedidos pelos trabalhadores.

No feed de notícias corporativas, uma das matérias veiculadas em outubro menciona em parte do cabeçalho o “Dia do Orgulho Autista”. Ela está vinculada, mais especificamente, a uma editoria de Saúde.

Da mesma forma, no Workplace, posts sobre saúde mental são abundantes. Recentemente, por exemplo, a empresa promoveu uma pesquisa sobre o tema, da qual participaram mais de 10 mil trabalhadores.

Também se tornou recorrente a realização de eventos corporativos com discursos que promovem a saúde e o bem estar dos empregados. No entanto, no meio da “peãozada”, a realidade é um pouco diferente.

Rogério tem 15 anos de Petrobrás. Seu filho, hoje com três anos, enquadra-se dentro do espectro autista. Ele e sua esposa, entretanto, precisaram recorrer a um outro

plano de saúde para obterem um atendimento adequado, já que a terapia ABA (indicada ao caso do seu filho) não está disponível na Saúde Petrobrás (AMS).

História semelhante é vivenciada por Mariane, petroleira há 20 anos. Seu filho de 11 anos também possui transtorno do espectro autista. Cansada de procurar psicoterapeutas e psiquiatras para seu filho dentro do convênio, precisou recorrer à atendimento particular.

Já o caso do Iago, petroleiro há 18 anos, possui mais uma pitada de perversidade. Seu filho de 10 anos possui autismo com déficit cognitivo (está inscrito no PAE). Iago teve acesso a um médico especialista para acompanhar a condição da criança desde a primeira infância. No entanto, recentemente foi informado pelo médico de que seu filho

teria o tratamento interrompido, devido a dificuldade do profissional em receber do convênio pelas consultas realizadas.

Essas são apenas algumas histórias e relatos, que apesar de individuais se assemelham e se repetem, evidenciando o sucateamento do plano de saúde. O sindicato vem apontando a questão da saúde como uma ferida que está aberta entre os petroleiros e as petroleiras.

“Quando o assunto é o plano de saúde, o sentimento evidente é de desamparo. Isso impacta diretamente na nossa qualidade de vida e saúde mental”, aponta o dirigente Evandro Botteon.

Na atual negociação do Acordo Coletivo de Trabalho, a saúde é um dos temas prioritários por parte das representações dos trabalhadores.

## PETROBRÁS AMPLIA PLANO DE SAÚDE PARA TODOS OS TERCEIRIZADOS

Medida está ativa para novas contratações desde setembro e projeção é de que até o final de 2026, mais de 93% dos prestadores de serviços vinculados a contratos estejam cobertos

A Petrobrás confirmou a expansão do plano de saúde para prestadores de serviços, atendendo às demandas levantadas pela Federação Única dos Petroleiros (FUP). Desde o dia 1º de setembro, as empresas terceirizadas passaram a ter que assegurar um plano de saúde para seus empregados, incluindo atendimento ambulatorial, hospitalar com obstetrícia e odontológico.

Além disso, a contratada será responsável

pelo custeio integral, englobando os dependentes legais até 21 anos, com a possibilidade de coparticipação de até 25% em contratos com mais de 365 dias. A cobertura da assistência à saúde deve estender-se, no mínimo, ao local de trabalho, abrangendo também os contratos em regime especial de campo, com cobertura nacional.

Além disso, a empresa está em processo de atualização da cláusula do plano de

saúde em contratos vigentes com alto risco à continuidade e segurança operacional. Estima-se que até o final de 2024, mais de 1.500 contratos (equivalente a 55% do total de contratos) e um contingente de 89 mil prestadores de serviço (ou 70% do total) serão beneficiados pela nova cláusula do plano de saúde. A projeção é que até o final de 2026, mais de 93% dos prestadores de serviços vinculados a contratos estejam cobertos por essa medida.

# CONSCIÊNCIA NEGRA

No mês da Consciência Negra, o Sindipetro Unificado destaca quatro depoimentos significativos de petroleiros, petroleiras e companheiros de luta sobre temas cruciais. Esses depoimentos oferecem perspectivas importantes sobre os desafios enfrentados pelos negros e negras na sociedade e no mundo do trabalho e reafirmam a importância do envolvimento de todos na busca por uma sociedade mais justa, igualitária e antirracista.

Os eventos climáticos extremos já são parte do nosso cotidiano. São enchentes e deslizamentos de terra, provocados por volumes de chuvas sem precedentes, enquanto a Amazônia enfrenta secas históricas. São os moradores das áreas de risco, em sua maioria negras e negros, as primeiras vítimas, junto aos povos tradicionais em todo o mundo, também não-brancos. A transição energética, para ser justa, deve ser antirracista, anticapitalista e internacional. Não temos tempo a perder.



## Pedro Augusto

Diretor do Sindipetro Unificado e da FUP



## Bete Sacramento

Coordenadora geral do Sindipetro Bahia

As direções sindicais, assim como as presidências/coordenações dessas instituições, ainda são predominantemente “brancos e masculinos”, refletindo os espaços de poder no Brasil, um país que tem no racismo um dos pontos estruturantes da sociedade. No início de 2023, 19% da gestão da Petrobrás era de mulheres, sendo que apenas 0,04% delas eram negras. É com a representatividade nos diversos espaços que conseguiremos garantir a criação, implementação e manutenção de políticas afirmativas que viabilizem a inclusão, permanência e ascensão daqueles que são maioria, mas são deixados à margem, dificultando que a democracia seja de fato implementada nessa sociedade.



Nosso país é resultado do maior crime de lesa humanidade da história do planeta. Foram quase 400 anos de uma escravidão perversa e violenta, contra povos originários e africanos trazidos aos milhares da África à força. A economia brasileira, desde a época da invasão, foi fruto do trabalho forçado não remunerado, e depois da abolição, a riqueza foi produzida por esse povo, que ocupa o lugar da mão de obra barata. Essa população se fez maioria na sociedade brasileira, e ela é excluída do processo político, não tem o direito de se representar nos espaços de decisão por conta do racismo que organiza a sociedade e a política brasileira, que impede que pessoas negras ocupem esses espaços e alterem a própria dinâmica da sociedade brasileira, no sentido de construir igualdade de condições e de vida.

## Douglas Belchior

Coordenador nacional da UNEAFRO



## Jorge Nascimento

Diretor do Sindipetro Unificado

O número de negros e negras dentro do Sistema Petrobrás é muito instável, ele tem um leve crescimento, mas é pouco. Basta ver que o número de trabalhadores em cargos de confiança é quase inexistente perto do volume total desses cargos. Em Mauá, temos a Márcia, por exemplo, que é preta e gerente geral. Mas aqui na Replan, a gente não consegue lembrar de pretos e pretas que ocupem cargos de gestão dentro da companhia. Isso está relacionado também à quantidade de pretos e pretas que entram via concurso na Petrobrás. O número de pessoas que entram não é suficiente, e temos poucos pretos e pretas nos cargos de gestão. Por tanto, há uma grande subrepresentação, de todo ponto de vista na Petrobrás e precisamos trabalhar muito para melhorar esse cenário.





O cenário em Gaza é de destruição total

# “A LIMPEZA ÉTNICA É O ELEMENTO CENTRAL DO MASSACRE À GAZA”, AFIRMA PESQUISADOR

Nesta entrevista exclusiva, o pesquisador Bruno Huberman analisa o que está por trás do massacre ao povo palestino

Por Marcelo Aguilar | Edição: Guilherme Weimann

Após pouco mais de um mês do início da ofensiva militar de Israel, que já ceifou a vida de mais de 10 mil palestinos, o Sindipetro Unificado publica uma entrevista exclusiva com o professor Bruno Huberman.

Huberman é mestre em Relações Internacionais pelo Programa Santiago Dantas e professor da PUC-SP. Judeu, é especialista na colonização israelense da Palestina e, nesta entrevista, indica as raízes históricas do conflito, analisa os desdobramentos do massacre e aponta os caminhos para a paz na região.

Confira trechos selecionados da entrevista:

## Como você definiria o que ocorre em Gaza?

O que está acontecendo é um massacre, que segundo juristas internacionais pode ser considerado um genocídio, pois tem sido perpetrado violando mecanismos do direito internacional. Ninguém entra, ninguém sai,

pouquíssima ajuda humanitária, corte de energia, corte de água, isso tudo somado à devastação cometida por bombardeios aéreos que já equivalem a uma bomba atômica.

O problema é que não existem alvos somente militares na faixa de Gaza, não é que os palestinos do Hamas usam os civis de escudo, os palestinos são os guerrilheiros, pois em certo sentido é indiscernível. Não estou dizendo que todos os palestinos são guerrilheiros, mas é dessa forma que se caracterizam os movimentos anticoloniais e seus grupos guerrilheiros, são completamente conectados com a população civil. Não são um exército formal, profissional, como o de Israel.

É um massacre, que tem como suposto objetivo impor uma derrota militar sobre o Hamas, mas que tem se revelado com o objetivo real de expulsar o máximo possível de palestinos; já são mais de um milhão de deslocados internamente na Faixa de Gaza.

## Esse novo ciclo de violência começa com os ataques do Hamas no dia 7 de outubro. Como você analisa esses ataques?

Esses ataques são uma resposta dos palestinos liderados pelo Hamas a todos esses anos de subjugação. Esse processo teve em 2005 uma nova etapa que foi o bloqueio total da Faixa de Gaza, o desengajamento dos assentamentos judaicos que tinham lá, e depois da vitória parlamentar do Hamas em 2006 o bloqueio completo. De lá pra cá a gente vê uma panela de pressão entrando em ebulição, ela só não explodiu antes de forma tão violenta porque desde 2008 Israel utiliza a doutrina de cortar a grama, que é: a força de Hamas cresce, eles vão lá e aparam a grama, e isso evitava que o ponto de ebulição explodisse. Só que agora explodiu.

Eu avalio isso como um atentado terrorista, claro, pois teve como alvo civis de forma



Foto: Mabaz Azaize

indiscriminada que não eram agressores diretos aos palestinos. Como todo atentado terrorista, este atingiu civis com o objetivo de passar uma mensagem para o inimigo. Entretanto, a resposta que vemos hoje do Estado de Israel também é um atentado terrorista, que atinge a população civil da Palestina com a mensagem ‘não resistem, vão embora’. E a mensagem dos palestinos é que ‘nós estamos aqui e vamos continuar resistindo, nos deem liberdade’. Então, os atentados terroristas são para mandar mensagens, e esses são os mensagens que eu interpreto que foram trocadas nos últimos dias.

### **Você estuda o processo de colonização judaica na Palestina e sobretudo em Jerusalém. Como o caráter histórico dessa colonização se relaciona com o momento atual?**

O projeto sionista tem como elemento central a maioria demográfica judaica, e para construir isso você teve que expulsar os palestinos. Aquilo que os intelectuais sionistas chamavam de ‘transferência dos árabes’, que é um eufemismo para expulsão. Uma expulsão que foi colocada em prática depois que a ONU determinou a partilha da Palestina em 1947, e no processo de criação do Estado de Israel. Durante dois anos foram 750 mil palestinos expulsos, 15 mil mortos e 500 vilarejos destruídos. Isso abriu espaço para o Estado de Israel ter maioria demográfica judaica, de entre 70 e 80 por cento, cálculo

que se mantém até hoje.

Desde o início você tem uma minoria palestina em Israel, que sobreviveu à Nakba e se tornou cidadã israelense. São cidadãos de terceira classe até hoje. O que é estrutural do colonialismo israelense desde seu início, é a ideia de se livrar desse ‘problema árabe-palestino’, que estava no caminho dos seus interesses, que é construir um Estado judeu que proteja os judeus, que traga privilégios aos judeus, prosperidade e segurança. Mas tudo construído com muita força, muita violência, pois os palestinos, como povos originários, sempre vão resistir. É isso que aconteceu na Nakba, e é isso o que acontece hoje.

O objetivo estrutural é esse: expulsar ao máximo, manter o controle da terra, manter o privilégio judaico a partir dessa expropriação da terra e do trabalho palestino. Os palestinos que vivem dentro de Israel, em Jerusalém, são governados de formas distintas. Os cidadãos são governados de forma mais suave, eles passaram por um processo de ‘israelização’ muito profundo. Já na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, são processos muito mais duros – em Gaza ainda mais. Cada território tem sua forma de controle, e diante dessa resistência violenta do Hamas, essa panela de pressão que explodiu, a repressão está ainda mais violenta, não tem moderação agora.

### **Você visualiza algum caminho para o julgamento dos crimes de guerra cometidos?**

Julgamento pela Comunidade Internacional,

pelos mecanismos do Tribunal Internacional e essas coisas, não. A comunidade internacional tem se mostrado altamente incapaz de fazer qualquer ação em favor dos palestinos, isso vem de muitos anos, o que a gente vê agora só revela o grau de brutalidade disso, como o mundo fica em silêncio. Não há a radicalidade de romper relações com Israel, interromper a normalização do Estado de Apartheid, que é o que de fato vai poder trazer a paz; porque é isso o que foi feito contra o Apartheid na África do Sul e só isso vai trazer paz à Palestina.

Mas tem que pressionar, as populações dos seus países estão fazendo sua parte, mas as autoridades não, as resoluções na ONU não adiantam. O mundo é responsável por isso, o mundo criou esse problema quando aprovou em 1947 a partilha da Palestina, e o mundo é responsável por resolver esse problema. Quando o isolamento estadunidense e de Israel aumentar, maior vai ser a pressão por trazer justiça, e somente a justiça trará paz.

## CONFIRA A ENTREVISTA COMPLETA:





Petroleiros e petroleiras continuam na luta para devolver nossa grande empresa ao povo brasileiro

## PRESIDENTE DA PETROS REFORÇA COMPROMISSO EM DIÁLOGO ASSOCIADOS DO SINDIPETRO UNIFICADO

Henrique Jäger compareceu às sedes de Campinas, Mauá e São Paulo para falar sobre sua gestão e tirar dúvidas dos petroleiros

Por Vitor Peruch

Nos dias 26 de outubro e 14 de novembro, o presidente da Petros, Henrique Jäger, reuniu-se com os participantes do plano de previdência nas sedes do Sindipetro Unificado em Campinas, Mauá e São Paulo, respectivamente. Em ambas as ocasiões, Jäger respondeu a questionamentos dos petroleiros e apresentou os três principais eixos de sua gestão: uma nova proposta de equacionamento; o fortalecimento da governança e transparência da Petros; além da reaproximação com os participantes.

Durante os encontros, o presidente

esclareceu dúvidas sobre equacionamentos, destacando a complexidade do problema e a necessidade de uma abordagem estratégica em colaboração com patrocinadoras e entidades representativas. Jäger enfatizou que a Petros não pode resolver esse desafio isoladamente e está trabalhando em conjunto com especialistas internos para encontrar soluções parciais.

Além disso, Jäger anunciou sua política conservadora de investimentos, visando preservar a saúde financeira da Petros. Ele apresentou o projeto “Imunização”, que

prioriza a estabilidade financeira por meio de investimentos seguros e transparentes.

Nos dois encontros, os participantes elogiaram a postura de Henrique Jäger, destacando a importância do diálogo aberto para encontrar soluções conjuntas. As reuniões representaram avanços significativos na busca por estabilidade e segurança para os beneficiários da Petros, demonstrando a determinação do presidente em enfrentar os desafios de maneira colaborativa.

## SINDIPETRO UNIFICADO CONVIDA PETROLEIROS PARA FESTA DE FIM DE ANO

Sindicalizados devem confirmar presença até o dia 13 de dezembro

O Sindipetro Unificado está se preparando para mais uma festa de fim de ano. O evento será realizado no dia 16 de dezembro, das 11h às 18h, na sede de Campinas (SP).

Além do já tradicional churrasco, a celebração contará com diversas opções de bebidas, incluindo cerveja, água e refrigerante, além de picolés e frutas frescas para os presentes se refrescarem durante o evento.

Para garantir entrada na festa, os sindicalizados e seus dependentes na Saúde Petrobrás (antiga AMS) poderão retirar

os convites até o dia 13 de dezembro na secretaria do Sindicato ou com algum diretor liberado ou de base.

É importante ressaltar que a confraternização do sindicato é gratuita para os sindicalizados e seus dependentes na Saúde Petrobrás (aqueles que não possuem dependentes no plano de saúde terão direito a um ingresso de acompanhante gratuito).

Para aqueles que desejam levar acompanhantes extras, os convites estão à venda na sede do sindicato por R\$ 100 para

adultos e R\$ 25 para crianças de 6 a 12 anos. Esses convites devem ser adquiridos antecipadamente na sede do Sindipetro Unificado.

**SERVIÇO:**

**O QUE:** Festa de Fim de Ano do Sindipetro Unificado

**QUANDO:** 16 de dezembro de 2023, das 11h às 18h

**ONDE:** Regional Campinas, Rua Cônego Manoel Garcia, 1010 - Jardim Chapadão